

ETNOGRAFIA DAS DROGAS NO BAIRRO DO CERCO DO PORTO: A ECONOMIA SUBTERRÂNEA¹

TIAGO NEVES
UNIVERSIDADE LUSÓFONA

O MÉTODO ETNOGRÁFICO.

Não é fácil definir de uma forma simultaneamente exaustiva e concisa as características de todos os tipos de investigações ou abordagens que se reclamam do estatuto de "etnográficas".

Na verdade, o termo etnografia aplica-se tanto a pesquisas levadas a cabo em contextos geográfica e culturalmente distantes dos contextos de origem do investigador como a trabalhos desenvolvidos literalmente "aqui ao lado". Assim, tanto Os Argonautas do Pacífico Ocidental, de Malinowski, como Street Corner Society, de Foote Whyte, surgem como clássicos da etnografia. Um tipo de investigação actualmente em forte crescimento - as etnografias organizacionais - contribui para o alargamento progressivo daquilo que o termo abarca.

Por outro lado, etnografia significa tanto um processo de investigação como o produto dessa investigação. Isto torna a delimitação dos conteúdos ainda mais problemática, pois se é certo que as técnicas de pesquisa utilizadas podem ser muito diversas, também as técnicas de representação o podem (este aspecto tem sido objecto de aturado debate desde a década de 80, com a chegada em força daquilo a que se chama etnografia pós-moderna - cf. Clifford e Marcus, 1986).

O objectivo da etnografia é uma real - e gradual - aproximação ao terreno objecto de estudo (vide Fernandes & Neves, 1998):

- aproximação física (idas frequentes ao terreno ou residência no local de estudo, conhecimento progressivo dos espaços públicos e privados...);

- aproximação cognitiva (leitura de bibliografia referente a investigações afins àquela que se realiza; conversas com indivíduos que conhecem bem os territórios a analisar, quer porque lá vivem ou trabalham, quer porque a posição que ocupam lhes permite um acesso privilegiado a informação relevante para a investigação);

- aproximação afectivo-cognitiva (estabelecimento de relações de confiança com determinados indivíduos cujo auxílio será precioso [ou não] para o trabalho a desenvolver; descoberta progressiva de novos modos de pensar e viver determinadas situações).

Definido o tema ou a problemática de estudo - que aliás é frequentemente alvo de transformações, pois o investigador tanto é atraído por outras questões como condicionado na procura de respostas àquelas que havia planeado estudar - o primeiro grande problema é o do acesso prático ao terreno (em boa verdade, este problema deverá ser equacionado simultaneamente à definição do tema da investigação, pois corre-se o risco de se pretender estudar contextos nos quais não se tem real possibilidade de entrada). O papel desempenhado pelos informantes privilegiados e pelos gatekeepers no auxílio ao investigador no terreno tem sido já bem discutido (cf., por

1 O texto que se segue serve como ponto de partida para a comunicação oral e é nesse sentido que deve ser lido.

exemplo, Hammersley e Atkinson, 1983). Evidentemente, o acesso ao terreno tanto é tornado problemático como é facilitado por questões relacionadas com o género, a raça, a etnia, a idade, a religião, a orientação sexual e a classe social, entre outras, pelo que o etnógrafo deverá reflectir sobre essas condicionantes ao longo da sua prática, e deixar transparecer a análise efectuada no(s) momento(s) em que constrói o relato (escrito, visual, etc.) da sua pesquisa.

Método complexo e exigente, a etnografia desapossadas de voz e poder no que se exige adaptabilidade e muita paciência, colocando o investigador numa tensão entre as situações de estar de fora e a de estar dentro. Estar de fora porque o investigador não faz normalmente parte do território ou do grupo que vai procurar estudar e é, à partida, um intruso num terreno que não é o seu; estar dentro uma vez que a naturalização da sua presença se afigura indispensável ao evitar de reacções incomuns por parte dos actores sociais (de forma muito clara no caso de actores conotados com práticas desviantes), o que evidentemente poria em causa as observações efectuadas. É desta tensão que surge o tipo de conhecimento oferecido pela etnografia, conhecimento que se pretende simultaneamente próximo e crítico.

As notas de terreno, que podem assumir cariz mais descritivo, metodológico, teórico ou pessoal desempenham um papel fundamental na concretização desta tensão, pois são elas que permitem a mediação entre aquilo que se passa no terreno e a existência do investigador fora do terreno.

1.1. ETNOGRAFIA DE CONTEXTOS DESVIANTE URBANOS.

Porquê utilizar a etnografia para o estudo de contextos desviantes em geral, e do comércio das drogas em bairros sociais em particular?

Em primeiro lugar, porque defendemos que o método se deve adaptar ao objecto, e a etnografia revela-se especialmente adequada ao estudo de contextos desviantes, por natureza mundos de suspeição e clandestinidade, difíceis de descortinar, conhecer e perceber por um recurso exclusivo a métodos quantitativos (Weppner, 1977; Adler, 1993).

Em segundo lugar, porque "o método etnográfico permite aos peões das forças estruturais mais abrangentes emergir como seres humanos reais que moldam os seus próprios futuros" (Bourgois, 1996), algo que se afigura importante no quadro de populações tradicionalmente refere à explicação da sua própria situação.

Resumindo, nas palavras de Fernandes (1997), as vantagens da adopção do método etnográfico ao estudo de contextos e comportamentos desviantes explicam-se por dois factores fundamentais:

- a) a "crise dos outros métodos";
- b) as "características especiais do objecto, que obrigariam à adopção de estratégias também especiais de pesquisa empírica".

É de assinalar que esta ligação entre etnografia e comportamentos desviantes é já antiga, podendo-se desenhar uma árvore genealógica onde as proto-etnografias de Henry

Mayhew, muitos trabalhos da Escola de Chicago e diversas pesquisas surgidas após a reespecificação da corrente interaccionista - designadamente através de Blumer e de Becker - assumem lugar de destaque.

Etnografias marcadamente urbanas, caracterizam-se pelo carácter frequentemente fragmentário da estadia do investigador no terreno: estadia não sistemática, feita de idas e vindas, de aproximações e recuos. Bem diferente, portanto, daquilo que acontece nas tradicionais etnografias efectuadas em regiões longínquas do local de residência do investigador, muitas vezes rurais e habitadas por populações cuja língua o etnógrafo domina mal no início da investigação.

Aplicada ao estudo das economias paralelas em territórios urbanos desfavorecidos, a etnografia toma como ponto de atenção não apenas elementos (sub)culturais, mas também aspectos da ordem material. Em termos da investigação realizada, constatou-se a existência, no bairro, de uma cultura de resistência a diversos tipos de marginalização (económica, social, territorial, ao nível das representações), cultura essa que tem nos mecanismos da economia subterrânea ligada ao comércio de drogas uma das suas expressões materiais mais significativas. A cultura de resistência que existe a nível simbólico é assim indeligiável das práticas materiais de resistência.

A ECONOMIA SUBTERRÂNEA.

Em jeito de introdução, diga-se que as drogas não apresentam apenas aspectos negativos: tal

como as drogo-dependências físicas e psicológicas não podem ser explicadas apenas pelo carácter viciante das substâncias psicotrópicas, mas têm de o ser também pelo prazer proporcionado pelo seu consumo, as drogo-dependências economico-sociais não podem ser vistas apenas como acarretando riscos de sanção social e legal, mas também como potenciadoras do rendimento e do estatuto (pelo menos entre certos grupos, cujas lógicas valorativas não correspondem à estrutura de valores dominante).

OS MECANISMOS DA ECONOMIA SUBTERRÂNEA.

As estratégias e os mecanismos da economia paralela estão disseminados em territórios como o bairro do Cerco: do arranjo de carros pelo vizinho ao canalizador que é conhecido do amigo, passando pelas ligações eléctricas directas que sempre se pagam mais baratas do que as que se pedem à EDP, pelos apartamentos que funcionam como cafés ou postos de venda de gelados, e pelos serviços de limpeza de casa, lavagem de roupa e baby-sitting, há uma série de actividades económicas que escapam ao controlo financeiro do Estado, designadamente à cobrança de impostos.

O comércio de drogas é a actividade de economia paralela que maior geração de rendimentos proporciona: as drogas são produtos com uma extraordinária mais-valia, multiplicando-se o preço da heroína e da cocaína largas centenas de vezes entre o custo da produção e o momento da venda de pequeno (pequeníssimo) retalho, isto é, da venda ao consumidor.

Se é correcto afirmar que o comércio de drogas é responsável por uma boa fatia dos

rendimentos gerados no bairro do Cerco, não é menos verdade que grande parte desses rendimentos não provém de ganhos directos da venda de drogas. Existe uma série de mecanismos postos em acção ou aproveitados por residentes não directamente ligados aos negócios de drogas, mecanismos esses que no entanto não existiriam sem esses negócios, e que servem para aumentar os rendimentos e o poder de compra.

A IMPORTÂNCIA DA ECONOMIA SUBTERRÂNEA NO BAIRRO DO CERCO: CULTURA E ECONOMIA, SOLIDARIEDADES E DEPENDÊNCIAS MÚTUAS.

Antes de mais, é importante localizar esta questão no contexto de taxas de desemprego 3 a 4 vezes superiores à média da cidade do Porto, de altas taxas de insucesso e abandono escolar, de fracas qualificações académicas da maioria dos residentes e do predomínio de empregos precários e mal remunerados.

Não nos é possível, neste momento, ter uma ideia aproximada do volume de dinheiro movimentado em torno do comércio das drogas no bairro do Cerco. Contudo, em *In Search of Respect - selling crack in El Barrio*, Bourgois sugere uma possível medida para a dimensão da economia paralela: procurar saber o número de lares que declaram não ter quaisquer rendimentos (e, acrescentamos nós, aqueles cujos rendimentos declarados são claramente inferiores ao nível de vida apresentado, ou a despesas fixas que têm forçosamente de ser cumpridas, tais como alimentação e renda de casa). Assim, se não temos ideia do montante movimentado, podemos pelo menos ter uma ideia da percentagem de lares que retira benefícios da economia paralela - isto é, se a dimensão financeira é extremamente difícil de

avaliar, dados há que nos ajudam a ter uma ideia da dimensão social da questão.

Dados de carácter qualitativo apontavam para 50% a 70% da população como retirando benefícios (directos ou indirectos) do comércio de drogas; a análise de fichas de inscrição numa organização local de alguma dimensão (fichas essas que obrigavam à apresentação das declarações de rendimentos às Finanças) revelou que cerca de 70% dos lares tinha rendimentos inferiores aos mínimos necessários à sobrevivência, ou pelo menos claramente inferiores ao nível de vida apresentado. Por isso nos dizia uma assistente social com larga experiência de terreno: "Se as drogas acabassem nos bairros era o fim do mundo".

Estes benefícios económicos contribuem para explicar a atracção desenvolvida pelo comércio de drogas em zonas desfavorecidas. Por outro lado, Preble e Casey (1969) afirmaram que a heroína não fornece, aos consumidores das classes baixas, um simple escape aos problemas psicológicos e sociais resultantes da vida no ghetto; pelo contrário, ela oferece um motivo, uma justificação para a procura de uma vida com sentido (se bem que socialmente desviante). A drogo-dependência substitui o emprego pela imposição de uma estruturação do tempo, pela criação de rotinas, pelo estabelecimento de imperativos quotidianos. Preble e Casey afirmam mesmo que a adicção não será tanto ao psicotrópico heroína como ao estilo de vida de heroinómano.

A juntar a este aspecto de carácter mais socio-cultural existe um conjunto de mecanismos de criação e tradução de solidariedades e dependências económicas mútuas entre os habitantes dos bairros. Estes

mecanismos envolvem a cooperação entre indivíduos directamente ligados à venda de drogas e indivíduos que nunca as venderam ou consumiram (por exemplo, guardar o produto ou as balanças para o pesar a troco de recompensas financeiras; receber dinheiro para não fazer denúncias; fazer recados a dealers...).

Para concluir, importa fazer três esclarecimentos breves relativos a estereótipos persistentes:

- nos bairros, toxicodependentes e dealers têm nome e estatuto de pessoas: são o Zé, o Manel, a filha da Sara e o primo do Alberto (e não folk devils sem ligações familiares e sociais);

- as figuras do junkie e do dealer confluem frequentemente num mesmo indivíduo (a distinção entre o "coitadinho" e o "mauzão" é fruto de desconhecimento da realidade);

- o mercado das drogas é precário e as posições relativas no hierarquia drug - de *pequeno retalho, bem entendido* - são instáveis (os pequenos empresários da droga desenvolvem estratégias comerciais em muitos aspectos idênticas às desenvolvidas por qualquer empresário que actue em áreas rotuladas como legais).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADLER, P. 1993. *Wheeling and Dealing an ethnography of an upper-level drug dealing and smuggling community*, New York: Columbia University Press.
- BECKER, H. 1963. *Outsiders studies in the sociology of deviance*, New York: The Free Press.
- BLUMER, H. 1969. *Symbolic Interactionism: perspective and method*. NJ, Englewood-Cliffs: Prentice-Hall.
- BOURGOIS, P. 1996. *In Search of Respect selling crack in El Barrio*, Cambridge: Cambridge University Press.
- CLIFFORD, J. & Marcus, G.E. (eds) 1986. *Writing Culture the poetics and politics of ethnography*, Berkeley: University of California Press.
- COHEN, S. 1972. *Folk Devils and Moral Panics*. Londres: Blackwell.
- FERNANDES, L. 1997. *Actores e Territórios Psicotrópicos*. Tese de Doutoramento em Psicologia do Comportamento Desviante apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- FERNANDES, L. & NEVES, T. 1998. "Relatório do Projecto sobre Insegurança Urbana no Porto/Observatório Permanente de Segurança do Porto" (não publicado).
- HAMMERSLEY, M. & ATKINSON, P. 1983. *Ethnography principles in practice*, London: Tavistock.
- PREBLE, E. & CASEY, J. 1969. "Taking care of business the heroin user's life on the street". *International Journal of the Addictions*, 4 (1), pp.1-24, Março.
- WEPPNER, R. (ed.) 1977. *Street Ethnography*, Beverly Hills: Sage Publications.